

LEITURA A DOIS

Uma forma de aproximar os idosos e aumentar o *place attachment*

Thaís Cristina Martino Sehn¹, Gabriela Fonseca Pereira², Stan Ruecker³ e Jose Luis Farinatti Aymone⁴

Resumo

O objetivo deste estudo foi testar o novo modelo de livro *Leitura Distribuída com idosos*. O experimento avaliou como a leitura em dupla pode aumentar a sensação de *place attachment*, promovendo a interação e a proximidade entre eles. Este trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório qualitativo. Foram observados quatro tipos de duplas de idosos: duas duplas de moradoras de ILPI, um casal, uma dupla de amigos e uma dupla de desconhecidos. Os resultados mostraram que a sensação de *place attachment* relacionada com os laços de amizade pôde ser experimentada a cada sessão dessa leitura. Após o primeiro encontro, os participantes tendem a ficar mais à vontade e veem nesta atividade uma nova forma de passar o tempo com o outro. Todavia, é uma prática que para funcionar de forma prazerosa demanda afinidade entre as pessoas que compõe a dupla e o interesse em comum pela narrativa escolhida. Palavras-chave: design, leitura em voz alta, lazer, idosos.

READING TOGETHER

A way to bring older adults closely and increase place attachment

Abstract

The objective of this study was to test a new model of Distributed Reading with older adults. The experiment explored how reading together could support place attachment, promoting interaction and closeness. The research design is an exploratory qualitative study. Four kinds of couples participated in this study: two couples living in a long-term care facility, a married couple, a couple of friends and a couple of strangers. The findings showed that place attachment dimension of friend bonding can be built more at

1 Thaís é doutoranda em Design na UFRGS, durante o doutorado realizou período sanduíche financiado pela Fulbright na University of Illinois at Urbana-Champaign. Possui mestrado em Comunicação e Informação pela UFRGS, especialização em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e é formada em Design Gráfico pela UFPEL. E-mail: crisehn@gmail.com.

2 Doutora em Design com foco em Design de Interiores pelo Departamento de Design, Housing and Merchandising na Oklahoma State University (OSU), Estados Unidos (Bolsista CsF - CNPq). Professora no curso de Design de Interiores, trabalha com gerontecnologia e com o projeto de ambientes que promovam independência e autonomia para os idosos. E-mail: gfonsec@ilstu.edu.

3 Stan tem doutorado interdisciplinar em Ciência da Computação Humanista da Universidade de Alberta e mestrado em Design obtido pela mesma Universidade. Possui também mestrado em Literatura Inglesa obtido pela Universidade de Toronto, além de ter realizado cursos de graduação avançados em Literatura Inglesa e Ciência da Computação na Universidade de Regina. E-mail: sruecker@illinois.edu.

4 Professor Titular do Departamento de Design e Expressão Gráfica da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo ingressado em 1998. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Design (PGDESIGN) da UFRGS desde 2007. Tem Doutorado em Engenharia Civil na área de Estruturas pela UFRGS (2000), Mestrado em Engenharia Civil na área de Estruturas pela UFRGS (1996) e Graduação em Engenharia Civil pela UFRGS (1993). Em nível de Pós-Graduação, leciona na disciplina Design Virtual do PGDESIGN/UFRGS. E-mail: aymone@ufrgs.br.

each session. After the first session, participants tend to be more comfortable with each other and look at the activity as a way to spend time with someone else. However, in order to work in a pleasant way, this activity demands rapport between the couple and a common interest in the book narrative.

Keywords: design, reading out loud, leisure, older adults.

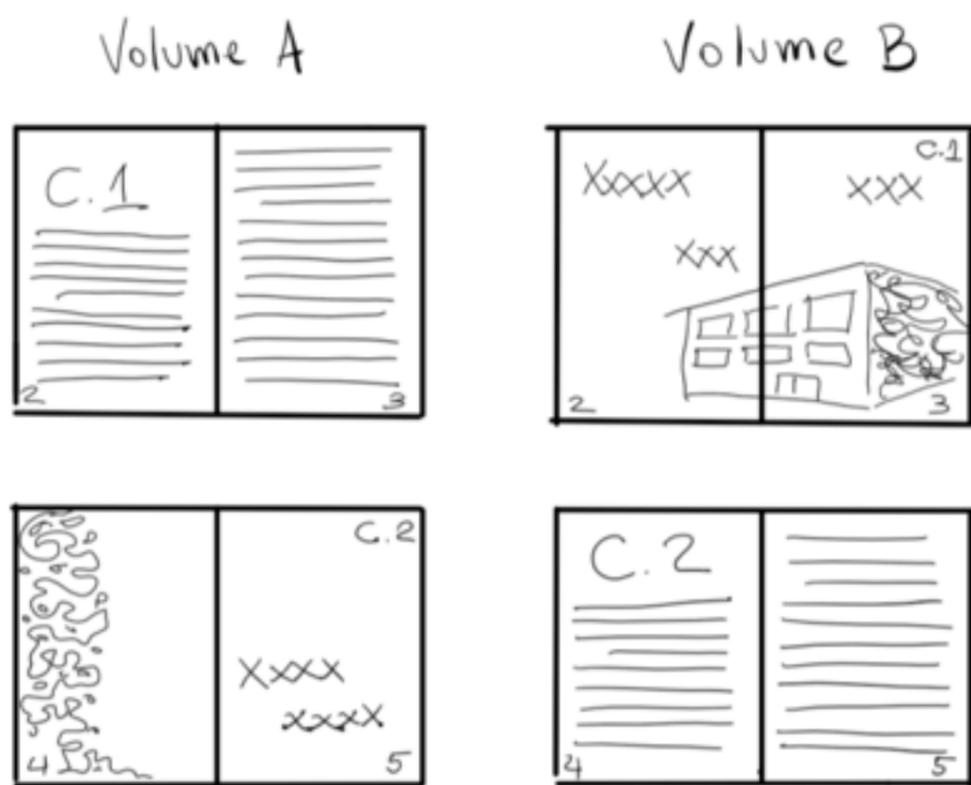
Introdução

No Brasil, como no restante do mundo, a população idosa – com 60 anos ou mais – cresce exponencialmente. O envelhecimento comumente é associado à aposentadoria, que também representa o encerramento de um ciclo da vida e uma mudança significativa na rotina do idoso. O afastamento do trabalho pode ter efeitos positivos e/ou negativos, pois apesar da pessoa desfrutar de mais tempo livre, ela tem uma diminuição das interações sociais, o que pode levá-la a perder seu senso de pertencimento social, o qual, muitas vezes, é atribuído ao grupo de trabalho (WOLFF, 2009; PEREIRA et al., 2016). Outra possibilidade, para essa fase da vida, é tornar-se morador de instituições de longa permanência para idosos (ILPI). A pessoa que vai para esse local, seja por vontade própria, da família ou por falta de opção, pode se sentir muito sozinho, pois, além de sentir a falta de seus familiares e amigos, nem sempre consegue interagir com os outros moradores da instituição. Barbosa e Verba (2010) apontam que uma das principais questões da ILPI é a solidão, que interfere diretamente na adaptação ao novo lar. Frente a essas situações que são enfrentadas na terceira idade, procurou-se uma atividade que possibilitasse uma conexão entre as pessoas e que colaborasse positivamente no emocional delas, após a aposentadoria ou, ainda, para aqueles que passam a desfrutar de um novo espaço, no caso dos idosos que se mudam para uma ILPI. Pensando em como levar estas pessoas a se sentirem mais confortáveis nesses novos espaços e contextos buscou-se no conceito de *Place attachment* uma forma de auxiliar a pessoa a desenvolver um laço maior com o espaço a ser desenvolvido a atividade.

Place attachment poderia ser traduzido como apego ao lugar, é definido como um grupo de sentimentos que emocionalmente liga a pessoa a um lugar (ESHELMAN; EVANS, 2002). Esse grupo de sentimentos é um fenômeno que já foi estudado em diferentes culturas, organizações e períodos (LEWICKA, 2011). Desenvolver o *Place attachment* implica diretamente no bem-estar das pessoas e possui benefícios psicológicos, como sentimento de pertencimento, prazer, conexão e privacidade (SCANNEL; GIFFORD, 2017). Para idosos, o significado do lugar que eles chamam de lar, tem uma importância especial. Após a aposentadoria, normalmente as pessoas passam mais tempo em casa, construindo memórias ligadas àquele local (AFSHAR et al., 2017). Além disso, ao envelhecer, as pessoas mudam os seus padrões de uso do espaço, o que afeta diretamente o *place attachment*. A conexão estabelecida com os lugares depende diretamente do apoio que eles sentem receber da sua comunidade (BUFFEL et al., 2014). *Place attachment* foi dividido em cinco dimensões por Raymond, Brown, e Weber (2010), que podem ser traduzidas como: laços com a natureza, com os amigos, com a família, com o lugar e com sua identidade. Uma pesquisa realizada com moradores de comunidades para idosos identificou que os locais das comunidades que proporcionavam atividades lúdicas entre dois ou mais moradores aumentavam os níveis de *place attachment*, especificamente na dimensão de laços com os amigos (PEREIRA et al., 2019). Portanto, o presente estudo situa-se na dimensão do fortalecimento dos laços com outras pessoas, através da promoção da leitura em voz alta feita em duplas.

O objetivo deste estudo é testar um novo modelo de livro – *Leitura Distribuída* – com a terceira idade, composta por moradores de ILPIs ou não, observando como esse

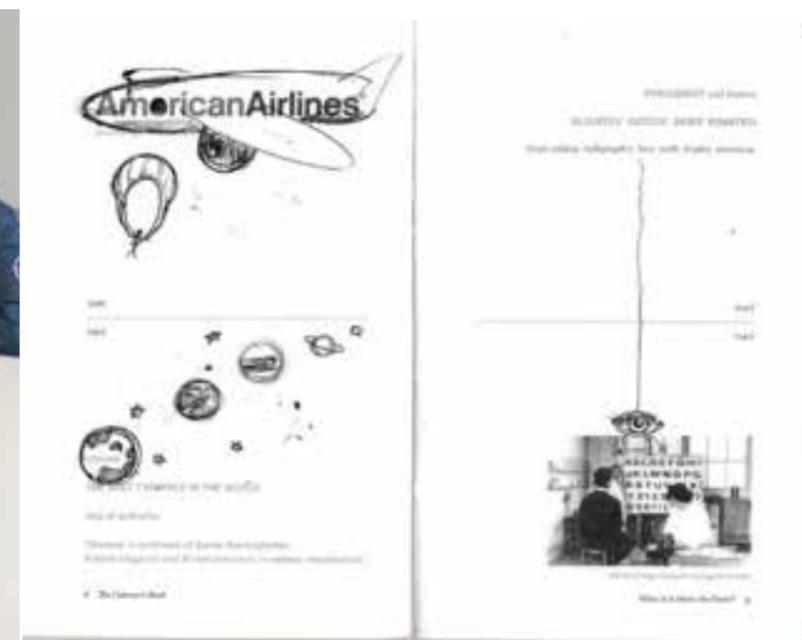
Figura 1 - Esboço do modelo a ser seguido na Leitura Distribuída.
Fonte: Thais Sehn, 2019.



protótipo pode aumentar a sensação de *place attachment*, promovendo a interação e, portanto, uma aproximação entre eles. A atividade proposta corrobora para o incentivo de atividades de lazer, culturais e recreacionais que auxiliam os idosos a ter maior qualidade de vida, já que podem ser praticadas sem obrigatoriedade, promovendo o relaxamento e o crescimento pessoal (MARTINS et al., 2018; PERERIRA JR et al., 2016). O modelo proposto para este estudo está em desenvolvimento através da tese de doutorado em Design de uma das autoras, com o nome provisório de Leitura distribuída. O diferencial desta edição é que foi criada para ser lida por duas pessoas juntas, incluindo a leitura em voz alta e a colorização de desenhos relacionados ao texto. O conteúdo do livro é distribuído de forma alternada em dois volumes que se complementem, ora sendo direcionado para o leitor e ora para o ouvinte. Trabalhando a leitura e a pintura das ilustrações, acredita-se propiciar aos mesmos um momento de interação para que dois participantes se aproximem e troquem experiências pessoais através do conteúdo da narrativa. Atividades semelhantes alcançaram resultados positivos com idosos, como se pode citar os casos de Pinheiro (1998) – que também utilizou a leitura e o desenho, de Rigo (2007) – através da arteterapia – e de Ferreira (2013) com a biblioterapia.

Apesar desta prática possuir semelhanças com a biblioterapia e a arteterapia, pode-se afirmar que delas se diferencia em diversos aspectos. Segundo Barbosa e Werba (2010), Carvalho (2010), Ross et. al (2018), essas duas terapias exigem o acompanhamento de um profissional especializado na área, o qual deve direcionar seu paciente nas leituras e desenhos em função de suas necessidades emocionais. No exercício aqui proposto, a prática envolveria apenas as duas pessoas que leriam juntas, sem a participação de um profissional que indicaria as atividades, utilizando o desenho/pintura e a leitura como um veículo de aproximação entre as pessoas envolvidas. Através do conteúdo do texto, os idosos podem conversar sobre suas próprias experiências, falar sobre as cores que utilizaram e desenhos que decidiram fazer enquanto estavam ouvindo. Ademais foi escolhido um livro para ser aplicado a todos os participantes, atentando-se para as características gerais da atividade, como a leitura oral entre idosos em ILDIs, mas sem levar em consideração as particularidades emocionais de cada um, como seria o caso da biblioterapia.

Para a Leitura Distribuída, aqui proposta, cada volume do livro contém uma parte



do texto, formada por uma dupla de páginas ou um capítulo inteiro, e a continuação deste se dá em outro volume (Figura 1). Desse modo o próprio objeto dita o ritmo de leitura e indica o leitor da vez. Ao se alternarem os leitores, evita-se que um deles sinta fadiga pela leitura em voz alta, além de propiciar que ambos experimentem a leitura com os olhos e com os ouvidos. Na sequência dos capítulos do livro, aqueles que propositalmente não contém texto destinam-se ao ouvinte, que encontrará ali ilustrações para serem coloridas, relacionadas ao que estiver ouvindo, assim como palavras-chaves ou trechos que constam no outro volume. Proporciona-se, também, espaços em branco para anotações ou desenhos particulares. Cria-se, assim, uma atividade para manter o ouvinte mais envolvido enquanto escuta. O exercício é projetado para ser lido em dupla, cada volume é individual e diferente do outro, complementando-se durante a atividade. Dessa forma, é possível desenvolver maior intimidade com seu companheiro(a) de leitura. O parceiro de leitura, por sua vez, pode ser alguém que a pessoa já conheça ou que passe a conhecer através da atividade.

Para este experimento, conforme a instrução de Carvalho (2010), consultou-se a biblioteconomista e mestra Zizil Arledi, para a indicação do livro. Desse modo, chegou-se ao livro *O alienista*, de Machado de Assis – grande escritor brasileiro – o qual foi publicado originalmente em 1882, já estando, portanto, em domínio público. Esta literatura procura abordar os limites entre a loucura e a sanidade mental. A história narra a postura de um médico alienista que funda um hospício numa pequena cidade do Rio de Janeiro e logo passa a identificar sinais evidentes de insanidade mental em todos os moradores do lugar.

Este modelo foi criado por uma das autoras deste artigo, baseado em uma série de estudos realizados com adultos de diferentes idades para sua tese de doutorado⁵, como os descritos a seguir:

Experimento 1 – The listener book: Uma turma de graduação da Universidade de Illinois (EUA) foi dividida em 3 grupos de 4 a 7 pessoas, onde cada participante recebeu um protótipo do Listener book (livro do ouvinte) (Figura 2). O Listener book era como se

⁵ Estudos feitos para a tese em desenvolvimento, ainda não publicados.

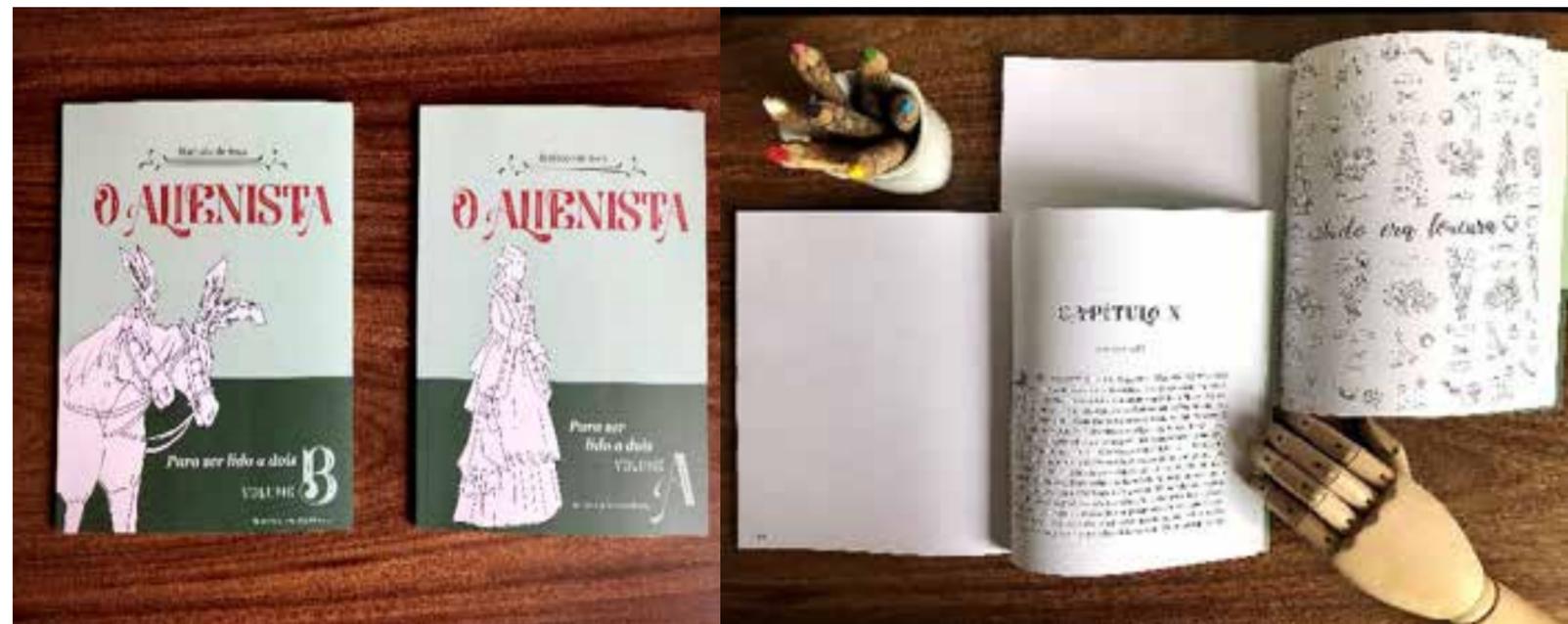
Figura 2 - Sessão de leitura e resultado da intervenção ao lado.
Fonte: Thais Sehn, 2019.



Figura 3 - Sessão de leitura e resultado da intervenção ao lado.
Fonte: Thaís Sehn, 2019.

fosse uma expansão da marginalia das páginas do livro do autor e consistia em páginas em branco numeradas de acordo com o livro que seria lido em voz alta. Durante a leitura, quando o leitor trocava de página, o ouvinte deveria fazer o mesmo, mantendo uma relação direta com as páginas do livro. Cada grupo recebeu uma versão diferente do Listener Book e todas as versões possuíam a indicação dos capítulos que seriam lidos no experimento. O grupo A e B tinham um exemplar impresso do livro original que era lido um pouco por cada aluno e o grupo C realizou o experimento com a versão em audiolivro. O Listener book do grupo A tinha as mesmas ilustrações do livro lido, do grupo B tinha apenas as páginas numeradas e os títulos dos capítulos indicados, já o grupo C, como estava ouvindo o audiolivro ao invés do livro impresso, recebeu apenas a indicação dos capítulos acompanhados de 3 páginas em branco. Deste estudo se percebeu que as páginas em branco geravam desconforto nos alunos, que não sabiam o que desenhar ou escrever nelas. Muitos desenhos feitos pelos alunos não tinham relação direta com o texto e algumas pessoas anotavam palavras-chaves da leitura. O aluno que lia passava o livro espontaneamente para o próximo. Nos três grupos não houve conversas ou comentários sobre o texto ou os desenhos realizados. Todavia, no caso dos grupos em que a leitura foi feita ao vivo (A e B), houve uma sensação de interação entre eles, já que todos leram uma parte. Tal sensação não se repetiu no grupo C, com o audiolivro, posto que para eles o Listener book poderia ter sido utilizado sozinho, sem a necessidade de estarem em grupo.

Experimento 2 – Pintando as palavras: Este experimento foi realizado com duas pessoas que não se conheciam, mas tinham interesse em participar da leitura compartilhada e trabalhar com a pintura (Figura 3). Cada uma das participantes escolheu um texto para ser lido em conjunto e providenciou duas cópias de cada. As intervenções foram feitas nas próprias páginas do livro. Após 3 sessões foi percebido que era melhor estipular uma dupla de páginas para cada um ler e alternar, criando um ritmo de leitura e de intervenções no livro. Percebeu-se que fazer o desenho/pintura mais abstrato era mais relaxante do que o figurativo. Em vários momentos houve interrupções para comentários e conversas de cunho pessoal, gerando uma aproximação entre essas pessoas que não se conheciam previamente. A leitura foi realizada no estúdio de uma das participantes, espaço que as deixava à vontade e acabou sendo associado a uma emoção de relaxamento, a qual era constante nos encontros.



Os dois experimentos serviram para construir o modelo proposto nesse estudo. Desse modo se chegou ao formato proposto aqui (Figura 4): com duplas de páginas alternadas entre texto e imagem; e com ilustrações para serem coloridas para o ouvinte não se sentir perdido sem saber o que desenhar nas páginas em branco, mas com espaços em branco para o caso de quererem fazer algum desenho ou tomar notas sobre o texto.

A partir da bibliografia e dos estudos anteriores realizados questiona-se: Como o modelo Leitura Distribuída colabora para o desenvolvimento de place attachment entre idosos que residem ou não em ILPIs?

Metodologia

Este é um estudo exploratório com abordagem qualitativa com o objetivo de testar um novo modelo de livro – Leitura Distribuída – com idosos, tanto com moradores de instituições de longa permanência para idosos (ILPI), como com idosos que ainda moram sozinhos. Foi avaliada a eficácia do protótipo para aumentar a sensação de place attachment dos idosos, observando a interação e a relação afetiva entre eles. Para atingir o objetivo desta pesquisa foi utilizado o livro *O Alienista*, de Machado de Assis, projetado dentro do modelo Leitura Distribuída, criado por Thaís Sehn e com ilustrações de Lívia Fonseca. A escolha da tipografia do livro segue as orientações de projeto com foco na terceira idade, conforme Farias (2018).

Participantes

Para o estudo exploratório buscou-se quatro tipos de combinações diferentes envolvendo a terceira idade:

- Moradoras de ILPI,
- Casal,
- Amigas,

Figura 4 - Capa do Volume B e A do protótipo e as páginas abertas dos dois volumes correspondentes ao mesmo capítulo, um apresentando o texto e outro a imagem. Fonte: Thaís Sehn, 2019.

d) Intergeracional e com pessoas que não se conheciam.

Para formar a dupla A, entrou-se em contato com uma ILPI privada da cidade de Pelotas (RS). Foram realizadas três sessões nesse local. Foi solicitado que a própria ILPI, por conhecer seus moradores, organizassem a(s) dupla(s) com os interessados em participar, impondo-se um pré-requisito para participar, que era conseguir ler em voz alta. A instituição conseguiu montar uma dupla que cumprisse o pré-requisito e que tivesse interesse em participar, mas após a primeira sessão uma das senhoras foi substituída. A primeira dupla, Ana⁶ e Sandra leram os dois primeiros capítulos. A segunda dupla, Ana e Eunice, repetiram esses dois capítulos na sua primeira sessão e avançaram até o capítulo 5 na segunda sessão. Entre e após as sessões, os livros ficavam na ILPI disponíveis para as participantes terem acesso juntamente com os lápis de cor. No total foram três sessões na ILPI, uma com a primeira dupla e duas com a segunda dupla. Os outros idosos foram convidados, por conveniência pela pesquisadora, dentro de sua rede de contatos. As características de cada dupla podem ser observadas no Quadro 1:

Duplas	Participantes (nomes fictícios)	Faixa etária	Limitações físicas
A. Moradoras de ILPI	1a dupla: Ana e Sandra 2a dupla: Ana e Eunice	Entre 80 e 90 anos	- Ana utilizava um salivador durante as leituras para hidratar a boca; - Sandra apresentava sinais de declínio cognitivo; e - Eunice tinha enfisema pulmonar.
B. Casal	Carlos e Cláudia	Entre 70 e 80 anos	- Durante a atividade Cláudia estava com a voz fraca. - Carlos usa aparelho auditivo e tem dificuldade de ouvir sons agudos.
C. Amigas	Laura e Cristina	Entre 60 e 70 anos	- Laura tem artrite nas mãos. - Cristina não limitações físicas.
D. Intergeracional e com pessoas que não se conheciam	Liza e Marina	Liza (entre 60 e 70 anos) Marina (entre 18 e 25 anos)	- Sem limitações físicas.

⁶ Os nomes utilizados no artigo são fictícios.

Coleta e análise de dados

Após a aprovação do Comitê de Ética Brasileiro, entrou-se em contato com os participantes e a atividade foi explicada verbalmente para cada um deles. Os livros foram emprestados, juntamente com lápis de cor, giz de cera e fichas para serem preenchidas após a leitura. Foi requisitado que fosse feita a leitura de todo o livro. Por ser um livro pequeno, estimou-se que de três a quatro semanas seria tempo suficiente para efetuar a leitura. Quando os participantes estivessem perto do capítulo X, deveriam entrar em contato com a pesquisadora para que esta pudesse observar a última sessão de leitura e realizar a entrevista semiestruturada após o término do livro. No caso da ILPI, as coordenadoras pediram que a pesquisadora estivesse presente em todas as sessões, pois de outra forma acreditavam que as idosas não fariam a atividade. Desse modo todos os encontros foram observados pela pesquisadora, que tentava interferir o mínimo possível na interação entre as moradoras. Os encontros eram semanais, mas alguns dias foram cancelados em função de as participantes estarem indispostas. Ao final de cada sessão, a pesquisadora auxiliava as participantes a preencherem a ficha, gravando em áudio a conversa que tinham enquanto isso. O experimento iniciou no dia 20 de fevereiro e foi interrompido no dia 13 de março, quando a ILPI parou de aceitar visitas como medida preventiva à pandemia do Corona Vírus (COVID19).

Optou-se por descrever com maior detalhamento a experiência realizada na ILPI. Essa dupla foi a única que foi observada em todos os encontros e apresentou características distintas das outras duplas que foram mais autônomas.

Relato do experimento na ILPI

A primeira dupla envolveu Ana e a Sandra. A Ana estava plena de suas faculdades mentais, gostava de ler e estava bem animada com a atividade; já Sandra, apesar de conseguir ler em voz alta, não se sentia capaz de realizar a atividade, pois tinha dificuldades de processar o que estava fazendo. Não foi informado seu diagnóstico pela ILPI, mas se pode perceber que fazia confusão sobre o lugar que estava, achando que estava em sua casa e não na instituição, assim como se esquecia do que já tinha lido, lendo várias vezes a mesma página. Nesse momento de repetição, Ana tentou convencer Sandra a proceder o avanço da leitura, explicando gentilmente que ela já havia lido aquele conteúdo, mas ao perceber que a colega insistiria em repetir a leitura da página, Ana resolveu colorir os desenhos de seu livro enquanto a esperava avançar. Quando percebia que o conteúdo tinha mudado, buscava o texto com os olhos para ler em silêncio o que a colega lia em voz alta, para compreender melhor a história (Figura 10). Muitas vezes, quando queria rir de uma parte do texto ou comentar um trecho, direcionava o comentário à pesquisadora e não com a colega, talvez observando uma cumplicidade maior com a mesma, devido as limitações da companheira. Foi perceptível que Ana entendia as dificuldades da colega, tentava ajudar e tinha paciência com ela. Sandra também parecia ciente de suas limitações e tinha ressalvas em participar da pesquisa. Os funcionários da ILPI a convenceram a realizar a atividade julgando que a leitura seria um bom estímulo mental para ela, mas após o primeiro dia ela preferiu desistir.

A falta de entrosamento durante a atividade ficou perceptível ao longo da sessão. No início, Ana perguntava se Sandra estava entendendo, repetia para a colega compreender melhor, mas ao longo da sessão elas perderam a preocupação com a recepção da outra. Em um momento, outra moradora veio falar com Ana, e Sandra seguiu lendo sem interrupções; em outra ocasião Sandra teve que ir ao banheiro e Ana continuou lendo, até que a pesquisadora pediu para esperar a colega voltar. Esse comportamento pode ser atribuído a falta de conexão entre elas, ou a falta de

Figura 10 - Ana e Sandra na primeira sessão de leitura. Na primeira imagem, Ana colorindo a página; e na segunda tentando acompanhar o texto lido por sua colega. Fonte: Thais Sehn, 2020.



compreensão do objetivo do estudo, imaginando talvez que a pesquisadora estava avaliando sua leitura oral e não a interação entre elas.

O segundo encontro com Ana foi acompanhado pela companheira Eunice (Figura 11). Ao explicar o projeto para Eunice, a nova convidada estava relutante em participar, acreditando que seria um exercício para gente mais jovem e não para elas. Frente à frustração de Ana por não poder continuar a leitura, Eunice acabou aceitando. A leitura entre ambas fluiu bem diferente da primeira dupla, várias vezes elas interrompiam a leitura para averiguar se a outra estava entendendo, ou para pedir para ler de novo pois não havia compreendido, ou se questionavam sobre o significado de palavras que não conheciam. Também trocavam os papéis quando percebiam que a outra entenderia melhor lendo do que ouvindo. Percebeu-se que Ana estava mais envolvida na leitura com Eunice do que com Sandra.

Foi percebido que ambas estavam mais à vontade uma com a outra na segunda sessão, inclusive Eunice chegou a mencionar o fortalecimento do laço entre elas na conversa após a segunda leitura, quando foi questionada sobre os aspectos positivos:

[Eunice:] – O relacionamento também, entre eu e ela, se tornou, assim, mais afetivo, entre as duas.

[Pesquisadora:] – Tu achas que teve uma modificação por causa dessa atividade?]

[Eunice:] – É, teve. Ela também é outra que não tem quase com quem conversar. A metade [aqui] não fala. Eu acho que aproxima as pessoas. (Eunice, 6/3/2020, Sessão 3 da ILPI).

Para elas, o livro dividido em dois volumes com os capítulos alternados complicou a experiência, pois um livro era deixado de lado para ser lido o outro, e demoravam a encontrar a página do capítulo seguinte a ser lido na hora de dar sequência à leitura. No final de cada sessão da ILPI, quando a pesquisadora indagava sobre o que se lembravam da história, dependendo do seu envolvimento com a atividade naquele dia, lembravam-se de mais ou menos coisas. Sandra não se lembrava de nada, mas isso pode ser atribuído a seus problemas cognitivos. Ana em todas as três sessões comentava a mesma coisa, sobre os loucos (descritos no segundo capítulo), o Simão Bacamarte



Figura 11 - Ana e Eunice na segunda sessão de leitura. Fonte: Thais Sehn, 2020.

e a dona Evarista (descritos no primeiro capítulo). Sempre elogiava o Machado de Assis e adorava dizer que estava lendo um autor renomado, complementando que ele tinha muita imaginação para criar todos aqueles loucos, mas não parecia estar de fato compreendendo a história. Na segunda sessão parecia mais distraída e muitas vezes fechava os olhos, mas não parecia dormir pois ainda interagiu sobre a leitura. Esclareceu que necessitava fechá-los por estarem secos, sentindo incômodo em mantê-los abertos. Parecia estar realizando a atividade para agradar a pesquisadora, o que pode ser corroborado pelo fato de não querer seguir lendo com Eunice quando as visitas tiveram que ser interrompidas.

Já Eunice se interessou muito pela história, lendo, inclusive, sozinha, no intervalo entre as sessões. No segundo encontro ficou confusa ao se dar conta que não tinha compreendido algumas partes pois não havia percebido que alguns capítulos estavam faltando, já que eles se alternam entre um volume e outro. No preenchimento da ficha, lembrava-se de vários detalhes do que fora lido, e suas emoções eram sempre relacionadas à história. Ficou muito frustrada por não conseguir terminar o experimento e pela desistência da colega.

Lugares de leitura

Os participantes realizaram as sessões de leitura sempre no mesmo local. No caso das pessoas que já se conheciam, escolheram um lugar onde ficavam à vontade em casa. No caso da dupla de pessoas que não se conheciam, mantiveram-se na cafeteria onde tiveram o primeiro encontro, quando a pesquisadora apresentou uma participante à outra. Macedo et. al (2008) em seu estudo, observou que os idosos quando estão felizes gostam de ir para lugares facilitadores de interação, o que para alguns pode ser um local público, como o shopping, e para outros a própria casa, na companhia de amigos.

Dupla A – ILPI: As leituras foram realizadas na sala da TV, porque, no momento que a atividade era feita, a maioria dos moradores da ILPI estavam na garagem da casa, local que virou um salão aberto com cadeiras e mesas para atividades coletivas. Em um dos encontros, as demais moradoras estavam envolvidas com música e em outro realizavam



um bingo, logo a sala da TV tornou-se mais propícia à atividade pois tinha menos movimento e várias poltronas. A pesquisadora acomodou as senhoras participantes lado a lado e posicionou-se na frente delas em uma poltrona, disponibilizando, ainda um banco de fácil acesso, para acomodar os lápis de cor, os gizos de cera e a água.

A escolha do lugar ocorreu em função de ser um local mais reservado, e poucas moradoras passavam lá naquele horário. Uma outra senhora se interessou pela atividade e sentou-se próxima, mas por não conseguiu ouvir a colega e acabou desistindo, indo fazer outra coisa. Ana comentou que já morava lá há 7 meses e que já conseguia sentir-se em casa, que era muito bem tratada e tinha conforto. Eunice estava lá há menos tempo, e tinha dúvidas se seguiria morando lá ou se iria para sua cidade natal. Eunice comentou que não se interessava muito pelas atividades oferecidas no local e que eles não tinham uma boa biblioteca, colocando, ainda, que a possibilidade de continuar a atividade proposta e o estreitar o laço com Ana poderia ser um ponto positivo para que permanecesse no local.

Dupla B – Casal: A atividade foi desenvolvida na sua casa de praia. Optaram por ler na sala, onde tem a mesa de jantar, para ser mais fácil de acomodar os livros e os lápis de cor. Não fizeram nenhum comentário sobre a interferência do local na atividade.

Dupla C – Amigas: Se encontravam na casa de Laura, iam para o quartinho, que seria uma sala íntima da casa, com dois sofás e menor que a sala principal, onde conseguiam ficar mais à vontade. Afirmaram que cada uma ficava deitada em um sofá, sem sapatos, acompanhadas de chá e chimarrão. A última sessão foi feita por Skype, em função do COVID19. Nesta sessão, Cristina afirmou ter gostado de ficar em sua casa, deitada em sua cama, ficando bem confortável e descontraída. Laura afirmou que era melhor ao vivo, com as duas juntas, mas que o Skype foi uma boa forma de manter o encontro frente a necessidade do isolamento social.

Dupla D – Intergeracional: Se encontraram sempre na cafeteria que haviam se encontrado pela primeira vez com a pesquisadora. No dia que houve a observação da leitura, o local ficou bem movimentado, o que distraiu um pouco as participantes e despertou a curiosidade dos outros clientes. As participantes disseram que nos outros dias tinha sido melhor, mais calmo. Liza afirmou que gostava de ir lá para fazer a leitura pois assim tinha um motivo para sair de casa.



Sessão de leitura entre Laura e Cristina via Skype. Fonte: Thais Sehn, 2020.



Place attachment: fortalecimento dos laços

A Leitura Distribuída pareceu funcionar tanto para pessoas que ainda não se conheciam tão bem, como para aquelas onde já havia uma relação estabelecida. A dupla A, apesar de serem moradoras da mesma ILPI, ainda não tinham uma relação tão próxima; a dupla D foi apresentada pela pesquisadora com o propósito de realizar o experimento. Em ambos os casos as participantes se aproximaram e poderiam virar grandes amigas se continuassem com os encontros. Já as duplas B e C se conheciam há mais de 20 anos e mantinham um bom relacionamento, logo não perceberam uma mudança em seu vínculo em função da leitura, mas comentaram que a atividade se mostrou como uma nova possibilidade de interação entre eles.

Dupla A – ILPI: Na primeira dupla, Ana era sempre gentil com Sandra, mas talvez devido ao declínio cognitivo de Sandra, não pareceu que Ana se entrosava muito com

Liz e Marina lendo na cafeteria. Fonte: Thais Sehn, 2020.

a colega. Na segunda dupla, Ana e Eunice tiveram uma boa interação no primeiro dia, se preocupavam com a recepção auditiva e cognitiva da parceira, questionavam o que não entendiam e conversavam após o término da sessão. No segundo dia, elas estavam mais à vontade uma com a outra. Eunice afirmou que tinham se aproximado com a atividade. Para Ana este já era o terceiro dia de leitura, pois ela já tinha feito uma sessão antes com Sandra e, talvez por este motivo, parecia estar mais distraída e cansada. Após a interrupção devido ao COVID19, não quis continuar a atividade sem a presença da pesquisadora. Isto corrobora em prol de que essa experiência talvez teria obtido um maior sucesso com este grupamento se essa atividade fosse realizada com contos individuais e menores, posto que seriam necessários menos encontros e/ou haveria uma menor dependência da mesma pessoa para efetivar a leitura oral, ficando assim menos cansativo. Desse modo, conclui-se que a leitura em dupla pode ser uma boa forma de aproximar as pessoas na ILPI mas não necessariamente se constituirá na manutenção do vínculo.

Dupla B – Casal: Para o casal, a atividade não gerou grande impacto, mesmo eles nunca tendo feito nenhuma atividade parecida até o presente momento. Cláudia já havia participado de grupos de discussão de texto, mas não existia a proposta de ler o texto de forma conjunta. Eles interromperam a atividade após o capítulo IV, pois a história trazia más lembranças. Na entrevista, Carlos afirmou ter gostado da atividade, que se não fosse pela narrativa em questão, teria ido até o fim. Cláudia afirmou que a atividade gerou desentendimentos entre eles, mas que foi de comum acordo que ambos decidiram finalizar o trabalho, sem concluí-lo.

Dupla C – Amigas: Laura e Cristina são amigas há mais de 20 anos. Para elas a atividade abriu uma nova possibilidade de interação, pois antes disso nunca haviam compartilhado conversas sobre os livros que haviam lido. Apesar de Laura não ter colorido seu livro devido à artrite, Cristina foi uma das participantes que mais apreciou a atividade, aproveitando o tempo que conversavam entre um capítulo e outro para colorir um pouco mais. Laura afirmou que a leitura compartilhada será mais uma atividade para realizarem juntas, que trazia um novo objetivo para seus encontros. Cristina comentou que as leituras estimularam as visitas, uma vez que o contato entre elas estava um pouco raro, talvez por falta de assunto ou necessidade de se verem, pois já fazia alguns meses que não se falavam tanto.

Dupla D – Intergeracional: Liza e Marina não se conheciam antes do experimento, Lia ficou surpresa ao ver que sua dupla era uma pessoa bem mais jovem do que ela, mas ambas gostaram muito da troca que tiveram durante as leituras. Elas afirmaram que os três ou quatro encontros para ler o livro não foram suficientes para se tornarem amigas, mas que com certeza criaram um vínculo afetivo que poderia progredir para uma amizade se seguissem se encontrando. Durante os encontros conversavam sobre o livro e sobre assuntos pessoais.

A história do Alienista

A escolha do livro de um autor renomado brasileiro se mostrou satisfatória para conquistar possíveis leitores, pois as participantes da ILPI ficaram orgulhosas de estar lendo Machado de Assis. O texto trazia uma narrativa interessante e palavras difíceis, que não são utilizadas mais hoje em dia. Tal fato pode ser visto como ponto positivo, pois despertava conversas entre as participantes que buscavam aprender o significado das palavras novas, mas também pode ser visto como ponto negativo já que dificultava a leitura e a compreensão do texto. A parte da narrativa que mostrava o protagonista internando as pessoas na Casa Verde por motivos banais, de uma forma geral gerou tristeza nas pessoas que se colocavam no lugar dos ditos mentecaptos. Uma das

participantes chegou a comparar a ação à época da ditadura brasileira quando as pessoas tinham medo de serem presas ou de terem seus amigos encarcerados sem julgamento. Outra pessoa associou o texto com a história de membros de sua família que já haviam sido internados. A maioria dos participantes gostaram da obra, com exceção do casal, que optou por interromper a atividade após o capítulo IV. Para eles, mesmo enfrentando dificuldades de audição, o maior impedimento foi o desinteresse pela história, que julgaram confusa e aborrecida.

O livro ilustrado

As ilustrações e as frases em destaque, apesar de não terem sido utilizadas da forma imaginada na ILPI, suscitaram comentários interessantes e expressões de contentamento quando percebiam a conexão existente entre elas e o capítulo que estava sendo lido. Ao fim da segunda sessão, Eunice estava refletindo sobre qual cor ela usaria para pintar o vestido da personagem Evarista:

Eu acho que esta aqui é a dona Evarista. E eu tava me lembrando, que cor será que a dona Evarista vestia, será que era verde? Será que era azul? Fiquei pensando para pintar... será que era rosa? Para uma senhora que tinha olhos sei lá o quê... que não era bela, mas chamava atenção. Era uma senhora requintada, chique, não devia usar rosa... (Eunice, 6/3/2020, Sessão 3 da ILPI).

Tal reflexão e exercício de imaginação não foi compartilhada com a colega Ana, que respondeu sem muita reflexão para encerrar o assunto: *Ora, se tu quer pintar, tu pinta da cor que tu quiser... (Ana, 6/3/2020, Sessão 3 da ILPI).*

Ao final dessa sessão foi estimulado pela pesquisadora que elas utilizassem outros horários para colorir as imagens, já que tinham dificuldade de colorir e se concentrar na leitura ao mesmo tempo. Ana deixou claro que não pintaria, que não gostava mais de tal atividade, mas Eunice ficou tentada a utilizar o livro durante o horário recreativo oferecido pela própria ILPI para pintura. Pareceu que o fato de conhecer a história e a personagem a motivou a participar de tal atividade complementar, a qual normalmente não chamaria a atenção da moradora. Todavia a pesquisadora, ao entrar em contato com a coordenadora da ILPI uma semana depois, tomou ciência que ela não chegou a realizar a pintura.

Nas demais duplas a atividade de colorir foi bem-vinda. Cristina gostou tanto de tal atividade, que na sessão observada pela pesquisadora, aproveitava o tempo que conversavam entre um capítulo e outro para finalizar a pintura do capítulo anterior e, após finalizar a página, mostrava pela câmera do Skype o que tinha feito com orgulho.

Para o casal, foi uma atividade interessante mas, ao serem questionados sobre ela, não entraram em maiores detalhes.

Para a dupla intergeracional, elas alternaram entre tomar notas e colorir, sendo que Liza também coloriu o livro em casa sozinha, em um horário diferente da leitura.

As dificuldades impostas pelo envelhecer

Foi percebido que os participantes que ainda moram sozinhos, que tinham entre 60 e 80 anos, conseguiram explorar as diferentes possibilidades da atividade, lendo, ouvindo, colorindo e tomando notas durante as leituras. Apenas uma participante



desse grupo optou por não colorir mais, devido à artrite nas mãos que resultava em dor após a atividade, mas tal fato não prejudicou o prazer em sua experiência de leitura compartilhada. Outra dificuldade fisiológica apontada foi a surdez pois, mesmo com o aparelho auditivo, o homem tinha dificuldade de ouvir a sua esposa, que por sua vez, estava rouca.

Já na ILPI, onde as participantes tinham mais de 80 anos, em todas as sessões se percebeu que as participantes tinham dificuldade em compreender o que a outra estava lendo, sentindo a necessidade de buscar o texto no livro da colega para melhorar sua compreensão, acompanhando a leitura com os olhos. Nenhuma delas conseguiu conciliar a atividade de colorir com a de ouvir e compreender a história. Além disso, foi difícil encontrar pessoas que conseguissem enxergar bem o suficiente para efetuar a leitura e que se interessassem por tal atividade, tanto que uma das idosas que iniciou o estudo pediu para ser substituída por outra. Percebeu-se que a maioria dos residentes da ILPI em questão estavam lá justamente por terem dificuldades em morar sozinhos e possuírem limitações físicas e/ou psicológicas próprias da idade avançada. Em conversa com Eunice, ela comentou: *A maioria [do pessoal] que está aqui, nem fala (Eunice, 6/3/2020)*. A primeira dupla lá formada incluía uma pessoa que mesmo conseguindo ler, tinha problemas de memória e interpretação de texto, o que não possibilitou o desenvolvimento pleno da atividade proposta. Mesmo tendo enfisema pulmonar, Eunice não apresentou sinais de falta de ar enquanto estava sentada durante a atividade e, apenas após o término da leitura da primeira sessão, demonstrou estar cansada e foi para o quarto para realizar uma sessão de oxigenoterapia.

É interessante apontar que Torquato et. al (2011) ao estudar a leitura e a escrita no envelhecimento, aponta que as dificuldades encontradas para tais atividades não tem relação apenas com o envelhecimento biológico, mas refletem a carência de práticas relacionadas à escrita e à leitura ao longo de uma vida. Isso foi levantado, também, na fala de Eunice frente à desistência de Ana, afirmando que a colega não gostava tanto de ler livros, que tinha mais contato com o jornal, diferente dela que foi professora e costumava ler para as crianças.



Páginas dos livros usados pelo casal, respectivamente Cláudia e Carlos. Fonte: Thais Sehn, 2020.

Páginas dos livros usados por Liza. Fonte: Thais Sehn, 2020.

Considerações finais

A leitura em dupla se mostrou uma atividade que pode aproximar pessoas de forma prazerosa e interessante, mas exige condições específicas para fluir desse modo. O primeiro ponto é ter uma segunda pessoa que também se interesse pela leitura do livro em questão e que tenha interesse em seguir lendo junto com a outra. Além disso, a sintonia entre essas pessoas é um pré-requisito essencial, assim como a aptidão física e mental para tal.

A leitura em voz alta se mostrou uma atividade interessante para ser realizada em ILPIs com moradores que ainda estão fisicamente e mentalmente aptos para tal, promovendo uma interação positiva entre eles, já que não hesitavam em interromper a leitura para melhorar a sua compreensão ou a de sua colega. Todavia, sugere-se que seja realizada com livros tradicionais, ilustrados ou não e, se possível, com dois volumes iguais do exemplar para cada um poder acompanhar o texto com os olhos. Ainda, poderia ser interessante desenvolver atividades complementares à história em outro momento recreativo, como pintura de ilustrações relacionadas à narrativa lida.

O protótipo da forma como foi construído, com os capítulos alternados e ilustrados se mostrou adequado para o idoso que ainda possui o corpo e a mente mais ativos, podendo ser interessante como atividade de lazer para pessoas que já se conhecem ou que queiram conhecer pessoas novas que também gostem de leitura.

As ilustrações com espaços em branco na página, acompanhadas de trechos do livro, se mostraram interessantes mesmo para as pessoas que não realizaram a pintura das

mesmas, pois algumas pessoas usaram o espaço para tomar notas ou apenas para observar os desenhos e conectá-los ao conteúdo que estavam ouvindo.

Pode-se perceber que a leitura em voz alta compartilhada é uma prática que melhora com o hábito, tanto para quem lê como para quem ouve. A primeira sessão normalmente gera um estranhamento nos participantes, o qual é amenizado a cada encontro, pois já sabem o que esperar da prática e percebem que, além da compreensão a partir da escuta tornar-se mais fácil, a fluência da leitura aumenta. Com as senhoras da ILPI, também foi perceptível no segundo encontro essa familiarização com a atividade proposta, mesmo que ainda tivessem dificuldade para ouvir devido o tom baixo da colega. Nas outras duplas não houve dificuldade de compreensão da história através da audição (salvo o caso do homem que tinha problemas diagnosticados de surdez). Tendo em vista que uma das senhoras desistiu da atividade após o capítulo IV, sugere-se o desenvolvimento de uma coleção de textos mais curtos, que poderiam ser concluídos em dois encontros e, na medida em que houvesse interesse por repetir a atividade, outros textos poderiam ser utilizados.

Por fim, enxerga-se na Leitura Distribuída um potencial para fomentar interações, inspirar conversas e manter uma periodicidade de encontros (considerando que o livro não seria lido em apenas uma sessão de leitura). A sensação de place attachment relacionada com os laços de amizade pode ser construída a cada sessão de leitura. Através da continuidade das reuniões os participantes tendem a ficar mais à vontade um com o outro, e podem perceber que estão construindo uma memória que pertence somente a eles, aumentando a sensação de pertencimento e parceria. Todavia é uma prática que para funcionar de forma prazerosa demanda afinidade entre as pessoas que compõe a dupla e o interesse em comum pela narrativa escolhida.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS (Fapergs) e à Comissão da Fulbright.

Referências

AFSHAR, P. F.; FOROUGHAN, M.; VEDADHIR, A.; TABATABAEI, M. G. *The effects of place attachment on social well-being in older adults*. In: Educational Gerontology, 43(1), pp 45–51. 2017.

BARBOSA, Elen Teixeira; WERBA, Graziela Cuchiarelli. *Arteterapia e idosos institucionalizados: uma experiência no tempo*. In: Conversas Interdisciplinares. Torres: Ulbra. v. 5, n. 4. 2010. <https://doi.org/10.21115/cinter.v5i4.3915>.

BUFFEL, T., DONDER, L., PHILLIPSON, C., WITTE, N., DURY, S., & VERTÉ, D. *Place attachment among older adults living in four communities in Flanders, Belgium*. In: Housing Studies, 29(6), pp 800–822. 2014.

CARVALHO, Geyse Maria Almeida Costa de. *A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia*. In: Revista Amazônica, Ano 3, Vol IV, Número 1, pág.80-87, Humaitá: UFAM, 2010.

DESMET, P.M.A. *PrEmo card set: Male version*. Delft, Delft University of Technology. 2019.

ESHELMAN, P. E., EVANS, G. *Home again: Environmental predictors of place attachment and self-esteem for new retirement community residents*. In: Journal of Interior Design, 28(1), pp3–9. 2002.

FARIAS, Bruno S. *Percepção na terceira idade: pesquisa experimental sobre tipografia para idosos*. In: Design e Tecnologia, 8(16), 29-40. 2018. <https://doi.org/10.23972/det2018iss16pp29-40>.

FERREIRA, Carmen Zita Honório Santos. *Biblioterapia aplicada a idosos: um novo desafio para as bibliotecas públicas portuguesas*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Prof.ª Doutora Gisélia Felício. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ECATI - Departamento de Ciências da Comunicação. 2013.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. *The Constant Comparative Method of Qualitative Analysis* In: _____. *The discovery of Grounded Theory: Strategies for qualitative research*. 1967.

LEWICKA, M. *Place attachment: How far have we come in the last 40 years?* In: Journal of Environmental Psychology, 31, pp 207–230. 2011.

MACEDO, Danielle OLIVEIRA; Carolina Vilela; GÜNTHER, Isolda de Araújo; ALVES, Susana Martins; NÓBREGA, Thaís Santos. *O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos?* In: Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 24, n. 4, p. 441-449, Dec. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-37722008000400007&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 27 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400007>.

MARTINS, Marina Goncalves; SANTOS, Ana Palmira Soares; COMIN, Fabio Scorsolini; DUTRA, Fabiana Caetano Martins Silva e. *Involvement in Activities, Work Satisfaction and Retirement Expectations of Brazilian Federal Employees*. In: Cienc Trab., Santiago, v. 20, n. 63, p. 131-136, Dec. 2018. Disponível em <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-24492018000300131&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Mar. 2020. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-24492018000300131>.

PEREIRA, Gabriela Fonseca; LIES, Melissa; KANG, Mihyun. *A case study of place attachment in rural and urban senior cohousing communities*. Housing and Society, 46, pp 3–22. 2019.

PEREIRA, Jessica Rodrigues; MORAES, Paulo Fernando; PEREIRA, Úrsula Virgínia; COSTA, José Luiz Riani. *Saúde, envelhecimento e aposentadoria*. In: COSTA, JLR., COSTA, AMMR., and FUZARO JUNIOR, G., orgs. *O que vamos fazer depois do trabalho? Reflexões sobre a preparação para aposentadoria* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 45-62. Doi: 10.7476/9788579837630.

PINHEIRO, Edna Gomes. *Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência*. In: Informação & Sociedade: Estudos. v.8 n.1 1998.

RAYMOND, C. M., BROWN, G., WEBER, D. *The measurement of place attachment: Personal, community, and environmental connections* [Electronic version]. In: Journal of Environmental Psychology, 30, pp 422–434. 2010.

RIGO, L. *Idosos asilados: um percurso em arteterapia*. In: Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, v. 4, n. 2, 18 dez. 2007.

ROSS, Catherine Sheldrick; MCKECHNIE, Lynne; ROTHBAUER, Paulette M. *Reading*

Still Matters: What the Research Reveals About Reading, Libraries, and Community. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2018.

SCANNELL, L., GIFFORD, R. *The experienced psychological benefits of place attachment.* In: Journal of Environmental Psychology. 2017. <https://doi:10.1016/j.jenvp.2017.04.00>.

TORQUATO, Rebecca; MASSI, Giselle; SANTANA, Ana Paula. *Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade.* In: Psicologia: Reflexão & Crítica., 2011, vol.24, no.1, p.89-98. ISSN 0102-7972.

WOLFF, Suzana Hübner. *Vivendo e envelhecendo: recortes de práticas sociais dos núcleos de vida saudável.* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.